

## Relações sociais e pandemia: Contraponto visões e reflexões a partir do livro “Lupa da Alma” de Maria Homem

Fernanda Lemos de Almeida<sup>1\*</sup>, Rafael Ademir Oliveira de Andrade<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Psicóloga, Centro Universitário São Lucas de Porto Velho (UNISL-PVH), E-mail: fernandaalmeida9821@gmail.com.

<sup>2</sup>Sociólogo, Mestre em Educação, Doutor em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente Universidade Federal de Rondônia (LABLAT-UNIR) E-mail: profrafaelsocio@gmail.com.

\*Autor correspondente: Fernanda Lemos de Almeida, Psicóloga, Centro Universitário São Lucas de Porto Velho (UNISL-PVH) E-mail: fernandaalmeida9821@gmail.com

Recebido: 26/04/2022 - Aceito: 29/05/2022

### Resumo

O presente artigo é uma reflexão acerca das relações constituídas durante a pandemia da covid-19 e como foram percebidas pela autora Maria Homem no livro “Lupa da Alma: Quarentena Revelação” e pesquisadores da Psicologia, tecendo intertextualidades para ampliar a compreensão do fenômeno pandemia pelo campo científico. O mesmo teve como objetivo analisar quais os reflexos da Pandemia de Covid-19 sobre relações conjugais, familiares, de trabalho e de luto, a escolha destas relações-temas foi pensada a partir do livro de Maria Homem supracitado. A partir das tratativas do livro, o debate sobre as relações foi ampliado com artigos, caracterizando a pesquisa como uma pesquisa cuja metodologia qualitativa teve como procedimento a revisão narrativa de análise hipertextual. Os artigos foram selecionados a partir da plataforma Google Acadêmico e somaram 15 ao total, selecionados por associação simples ao tema. Como resultados e conclusões gerais, foi possível notar que a pandemia evidenciou as mazelas de uma sociedade desigual, que em nome da economia expôs os sujeitos as mais diversas vulnerabilidades, reverberando em todas as relações aos mesmos, no espaço privado e público, além disto, a pandemia proporcionou transformações significativas nas esferas individuais e coletivas, como o fortalecimento de redes de apoio, manifestações em prol da garantia de direitos e o desejo por relações mais “profundas”.

**Palavras-Chave:** Pandemia. Relações Sociais. Psicologia.

### Abstract

This article is a reflection on the relationships formed during the covid-19 pandemic and how they were perceived by the author Maria Homem in the book “Lupa da Alma: Quarentena Revelação” and Psychology researchers, weaving intertextualities to broaden the understanding of the pandemic phenomenon by the scientific field. The same aimed to analyze the reflexes of the Covid-19 Pandemic on marital, family, work and mourning relationships, the choice of these theme-relationships was thought from the book of Maria Homem above. From the discussions in the book, the debate on the relationships was expanded with articles, characterizing the research as a research whose qualitative methodology had as a procedure the narrative review of hypertextual analysis. The articles were selected from the Google Scholar platform and added 15 to the total, selected by simple association with the theme. As general results and conclusions, it was possible to note that the pandemic highlighted the ills of an unequal society, which in the name of the economy exposed the subjects to the most diverse vulnerabilities, reverberating in all their relationships, in the private and public space, in addition, the pandemic has brought about significant transformations in the individual and collective spheres, such as the strengthening of support networks, demonstrations in favor of guaranteeing rights and the desire for “deeper” relationships.

**Keywords:** Pandemic. Social relationships. Psychology.

### 1. Introdução

As conexões entre as pessoas, se assim pode se chamar, ganha diversos tratos e nomenclaturas: relação, vínculo, laço. Neste artigo será utilizado a denominação “relação social”, termo que será abordado mais aprofundado nas próximas seções, mas que de antemão, possa significar todas as relações que envolva o eu com um ou mais outros, e

que afirme o pacto social tal qual se mostra e se transforma.

Para pensar as relações sociais, é importante nos localizarmos no tempo-espaço. Quando falamos de contemporaneidade, vem à mente inúmeros autores, incluindo Bauman, que pensa por exemplo, na liquidez das relações atuais,

marcadas por individualismo, objetualização, consumismo e imediatismo.

Agora, com a pandemia, a sociedade tem sofrido grandes transformações em um nível tão rápido quanto a propagação do vírus SARS-CoV 2, que tão logo anunciado o primeiro caso em Wuhan em novembro de 2019, alastrou-se por todo o globo, tendo no Brasil, seu primeiro caso notificado dia 26 de fevereiro de 2020. Tal contexto trouxe inúmeras incertezas e medos quanto ao conhecimento do vírus, da doença e da cura. Em um cenário caótico, medidas sanitárias foram tomadas para conter a disseminação do vírus, dentre elas, medidas de higiene e de distanciamento social.

A pandemia causou uma ruptura nas rotinas e trouxe bastante imprevisibilidade, desencadeando crises em diversas esferas e acarretando mudanças radicais na vida das pessoas, que precisaram se adaptar a nova realidade. Estas mudanças tiveram repercussões em toda uma organização social e mental.

Neste sentido, muitas podem ser as repercussões na vida das pessoas, a nível individual ou coletivo. Fato que interessa aos profissionais psicólogos, uma vez que toda psicologia individual, é social (MOGRABI, 2009) e que o ser humano é na verdade um fenômeno social. Neste cenário as relações sociais e afetivas podem se apresentar tanto como aspectos protetivos como potencializador de vulnerabilidades, dessa forma, torna-se necessário o aprofundamento do tema para compreensão das novas configurações relacionais e suas devidas repercussões para os sujeitos e para a sociedade.

O presente artigo teve como objetivo analisar quais os reflexos da Pandemia de Covid-19 sob relações sociais pontuais (conjugais; familiares; de trabalho; do luto). A pesquisa é de natureza qualitativa e se propõe a realizar um Revisão de Narrativa de artigos selecionados e encontrados na plataforma Google Acadêmico. A seleção de artigos teve como ponto de partida o livro *Lupa da Alma*, da autora Maria Homem, que possibilitou a

escolha dos subtópicos dos descritores de pesquisa.

A partir das análises, foi confirmado a relevância das relações para o sujeito e o coletivo. A pandemia evidenciou as mazelas de uma sociedade desigual, que em nome da economia expõe os sujeitos as mais diversas vulnerabilidades, reverberando em todas as relações dos sujeitos, no espaço privado e público, além das tensões e conflitos, a pandemia proporcionou transformações significativas nas esferas individuais e coletivas, como o fortalecimento de redes de apoio, manifestações em prol da garantia de direitos e o desejo por relações mais “profundas”. De toda forma, as relações sociais se mostram complexas e devem ser analisadas de acordo com os recortes sociais nas quais estão inseridas.

## 2. Metodologia

Esta pesquisa é uma revisão sistemática de narrativa que tem como indutor principal o livro *Lupa da Alma - Quarentena Revelação* da psicanalista Maria Homem. A ideia é estabelecer conexões entre os temas trabalhados pela autora com o trabalho de pesquisadores elencados no banco de dados Google Acadêmico, plataforma escolhida por ser a mais ampla em áreas e acesso comum da comunidade acadêmica.

Foram apontadas as seguintes palavras-chave para os seguintes tópicos: tema 1. relações amorosas, pandemia, covid; tema 2. relações familiares, pandemia, covid; tema 3, pandemia, covid, trabalho; tema 4. terminalidade, morte, luto e pandemia. Após os resultados foram feitas as leituras dos resumos dos artigos, livros e teses/dissertações que, funcionando como segundo filtro, foram decisivos para a escolha do corpus final. Foram escolhidos, divididos nos quatro temas, 15 textos que foram analisados em comparação com o pensamento apontado no livro que é indutor principal do texto.

Em seguida os textos foram analisados considerando a hipertextualidade dos mesmos, construindo interpretações dos

contextos que emergem, ao mesmo tempo, da vivência do real (observado por quem produziu o texto enquanto ser vivente durante a pandemia) com os textos indicados pelo levantamento bibliográfico. O texto é de natureza qualitativa, de procedimento bibliográfico e ensaísta, considerando a emergência do tema e a relação com a formação da autora deste artigo.

### 3. Resultados e Discussões

Os artigos que possibilitaram o debate acerca do problema da presente pesquisa foram selecionados a partir da leitura do livro base “Lupa da Alma” da psicanalista Maria Homem (2020). A partir das tratativas já discutidas pela autora no livro, e em consonância ao objetivo de ampliar o debate por meio da integração de dados conforme o tema central “relações sociais e a pandemia de Covid 19”, optou-se por organizar os achados em três subtópicos: Relações familiares e pandemia; Pandemia e trabalho; Terminalidade, luto, morte e pandemia.

#### Relações familiares e Pandemia

Para compor este tópico foram utilizados os artigos: Violência Doméstica e Consumo de drogas durante a pandemia de Covid 19; Mulheres em Home office durante a pandemia da covid 19 e as configurações do conflito trabalho- família; As relações familiares diante da Covid 19: recursos, riscos e implicações para a prática da terapia de casal e família.

As relações, majoritariamente atravessadas pela estrutura patriarcal, pressupõem a cada sujeito uma posição, um papel. Nota-se nos artigos, a tradicional questão de gênero, em que o feminino e masculino se organizam de forma desigual (HIGUERA; MESSIAS; BALDAN, 2021). Em um momento de isolamento social, a internet e as redes se tornam centrais na expressão da subjetividade, que quando analisadas é possível compreender de que forma a estereotipicidade dos papéis de gênero influenciam na relação familiar (HIGUERA; MESSIAS; BALDAN, 2021). Nas redes

muitos conteúdos e principalmente os “memes”, transcrevem muitos conflitos familiares: enquanto a mulher é colocada na posição de “carcereira do lar”, o homem se posiciona de forma a se vitimar das “amarras” da parceira e da realização de serviços domésticos. (HIGUERA; MESSIAS; BALDAN, 2021).

A figura feminina, a quem é socialmente destinada ao espaço privado e doméstico, se adaptaria “melhor” ao isolamento, enquanto o homem se mostra frustrado e violento à medida que é socialmente destinado aos espaços externos (HIGUERA; MESSIAS; BALDAN, 2021). No imaginário de tal homem, este se vê numa posição de oprimido e a sobrevivência nestas condições é agir de forma a se vitimizar ou se rebelar face a suposta autoridade que cerceia sua “liberdade”, neste último caso a figura feminina se torna alvo de ameaças e violências (HIGUERA; MESSIAS; BALDAN, 2021). Maria (2020), entende por isto, a infantilidade do adulto, resquíio do complexo edipiano, retorna de forma a aniquilar a figura de deus-pai-todo poderoso, que neste caso, tem uma roupagem feminina, representação tal qual Eva recebeu, a culpada por todo mal.

Não só traduzida por memes e postagem na internet, a desigualdade, como abordado no tópico anterior, se manifesta nos dados alarmantes dos casos de violência doméstica. A violência doméstica é um problema histórico e por vezes socialmente naturalizada pelos estereótipos já mencionados e muitos outros, em que ao homem é autorizado o uso da força e indolência em contrapartida com a posição de fragilidade em que a mulher ocupa (ORNELL et al., 2020).

A relação conjugal se agrava quando há filhos envolvidos, especialmente os mais novos (HIGUERA; MESSIAS; BALDAN, 2021). Com as escolas e creches fechadas e a dispensa de domésticas, os filhos permanecem em casa e demandam muita atenção e energia dos pais, que já ameaçados numa relação desigual e frágil, precisam manejar os

cuidados das crianças (HIGUERA; MESSIAS; BALDAN, 2021).

Sobre o fio da filiação, Maria (2020), chama a atenção para outra descoberta, dessa vez a dos pais referentes ao que se tinha consciência e ao que se negava. Complementa ainda, sobre a necessidade de educar e cuidar, tarefas que antes era tercerizado, que poria os pais face a que tipo de relação estariam estabelecendo com os filhos.

Na relação familiar, as crianças e adolescentes, que já se encontram em uma fase peculiar de conflitos em que por exemplo, estão sempre em contato com outras pessoas, precisam se adaptar ao isolamento (SILVA; SCHMIDT; LORDELLO; NOAL; CREPALDI; WAGNER, 2020), que por vezes intensificam inúmeras vulnerabilidade. Quando expostos direta ou indiretamente a relações conflituosas de seus pais (guarda compartilhada, monoparentalidade, parentalidade) os filhos se tornam propensos a desenvolverem problemas psicológicos sérios (HIGUERA; MESSIAS; BALDAN, 2021).

Neste cenário, é observado a diminuição de denúncia contra maus tratos infantis, podendo ser justificado com o afastamento das crianças do ambiente social (escola; instituições) e a impossibilidade de detecção e denúncia de violências (HIGUERA; MESSIAS; BALDAN, 2021). Seja para mulheres ou para crianças, o isolamento pode favorecer seus abusadores, uma vez que estes passam a ter mais controle e vigilância sobre suas vítimas (ORNELL, et al., 2020). Sem o apoio social, dificultado pelo isolamento e dificuldade de mobilidade, as vítimas de violência são impedidas de chegar às instituições que provêm o auxílio e intervenção (ORNELL, et al., 2020).

Outro fator que influencia a dinâmica familiar é o home office. Com esta nova realidade, os pais precisam conciliar os afazeres domésticos, os cuidados com os filhos e o home office (LEMOS et al, 2020). Os pais, sobretudo a mãe segundo os achados, sofrem mais com a exaustão física e mental devido a “jornada tripla” (LEMOS, et al., 2020).

Apesar da evidenciada sobrecarga materna, artigos apontam condições que o home office pode ser tornar tanto desfavorável quanto favorável para a relação familiar. As configurações familiares e a divisão sexual do trabalho são fatores que se destacam na intensificação ou atenuação dos conflitos, notou-se que mulheres, solteiras, divorciadas, casadas, com ou sem filhos, quando partilham igualmente dos cuidados doméstico e dos filhos, a convivência familiar melhora, tendo em vista o equilíbrio das tarefas e aproximação entre os membros da família. (LEMOS; BARBOSA; MONZATO, 2020). Do contrário, estas mesmas configurações familiares, quando em uma divisão desigual do trabalho, podem vivenciar inúmeras tensões familiares (LEMOS; BARBOSA; MONZATO, 2020).

As experiências descritas nos artigos, ressaltam diferentes significados e manejo das relações familiares. O cenário pandêmico em si já se apresenta como um fator de risco para as relações frágeis, mas além disto e da questão de gênero já abordadas, destaca-se a qualidade da comunicação que se estabelece (SILVA; SCHMIDT; LORDELLO; NOAL; CREPALDI; WAGNER, 2020).

Em meio a desentendimentos familiares, seja qual forem os motivos, a comunicação se torna um risco ou até mesmo um recurso (SILVA; SCHMIDT; LORDELLO; NOAL; CREPALDI; WAGNER, 2020). Quando há comunicação responsiva, ou seja, quando há o interesse, a escuta atenta, o encontro entre os sujeitos, as tensões podem ser atenuadas, de forma com que os conflitos sejam debatidos e solucionados, preservando a qualidade não só das relações, mas do bem-estar subjetivo de cada membro. (SILVA; SCHMIDT; LORDELLO; NOAL; CREPALDI; WAGNER, 2020).

Assim como as relações conjugais debatidas anteriormente, as relações familiares dependem do bem-estar individual. Sobre isto, a terapêutica sistêmica (SILVA et al, 2020) evidencia que a família em momentos de crises é afetada como um todo,

e que esta mesma abordagem pode auxiliar no enfrentamento dos desafios de maneira a identificar e manejar os riscos e recursos disponíveis para que se fortaleçam os laços e conseqüentemente promova saúde mental aos envolvidos (SILVA et al, 2020).

Contudo, para Maria (2020) as relações em si não precisam ser tão trabalhadas, sobretudo a partir de análises psico patológicas, mas que é necessário compreender todo histórico familiar. A autora entende que os sujeitos precisam trabalhar a si mesmos para que seja possível o encontro com o outro.

### **Terminalidade, luto, morte e Pandemia**

Neste tópico foram utilizados os artigos: Catástrofe, luto e esperança: o trabalho psicanalítico na pandemia de Covid 19; Expressões de luto no início da pandemia de Covid 19 veiculadas em jornais do Brasil; Terminalidade, morte e luto na pandemia de Covid 19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas; Implicações da morte e luto na saúde mental do sujeito frente à pandemia;

Tão logo foi anunciado a pandemia, as infecções e mortes se propagaram em um ritmo acelerado por todo o globo (LIMAS et al., 2021). A infecção e mortes atingem mais alguns grupos de risco, compostos não somente por idosos, mas por pessoas de todas as idades, principalmente se há existência de comorbidade (DANZMANN et al, 2020).

Tendo em vista as tensões e impasses políticos, o desprezo pela ciência, a falta de políticas e incentivos governamentais, toda população se torna exposta e vulnerável neste momento, onde, na falta de vacinas e medicamentos, as medidas sanitárias e o isolamento social se mostraram como únicas estratégias de contenção do vírus (LIMAS et al., 2021).

As perdas representam os resultados imediatos da pandemia do Covid 19 (DANZMANN et al, 2020). O luto, na pandemia, é vivenciado de inúmeras formas, seja pela perda de rotinas, de empregos, de lazer e de pessoas (CREPALDI, et al, 2020).

Segundo Maria (2020), basta existir relação instituída que o luto estará presente.

Os artigos e o livro de Maria descrevem sobre tais lutos, também importantes nesta pandemia, que não necessariamente representam a morte de alguém, mas que pressupõe a necessidade de separação, de perda e de substitutos para tais.

Maria (2020) em seu capítulo sobre luto, traz para a cena talvez todos os conflitos mencionados no livro, e de certa forma os fenômenos evidenciados nos artigos, de forma a chamar a atenção não somente de um olhar para si, para que haja separação daquilo que não serve mais, mas ressalta a dificuldade em separar daquilo que sempre acreditamos, daquilo que culturalmente nos foi imposto e aceito por nós.

Este atravessamento não ocorre sem sofrimento, pois exige muitas vezes a queda de fantasias e as idealizações, ou seja, o próprio luto de si (HOMEM, 2020). Neste sentido, a autora questiona a suposta facilidade em não se haver com os lutos, convocando um pensamento crítico frente a esta cultura que não permite a perda.

No momento pandêmico, no entanto, o luto pelas tantas perdas de pessoas foi um dos principais assuntos falados pelas mídias no Brasil (DANZMANN et al, 2020). Dentre os lutos citados, a morte tem sido mais evidenciada, o panorama até junho de 2021 expressava quase meio milhão de mortes por complicações da Covid-19 (LIMAS et al., 2021).

O processo de luto pressupõe uma série de reações emocionais esperadas, como a tristeza, raiva, culpa, entre outras (LIMAS et al., 2021). Os conhecimentos mais difundidos pelo senso comum acerca da morte, é encontrado no modelo dos “5 estágios do luto” de Kübler-Ross, que pressupõe a fases de negação, raiva, barganha, depressão e aceitação da realidade (LIMAS et al., 2021). Embora o luto seja considerado um processo normativo em que se espere mudanças emocionais, cognitivas, comportamentais e por fim a aceitação e adaptação, é importante

ressaltar que o processo de luto é único para cada sujeito (DANZMANN et al, 2020).

A não vivência do luto tem repercussões psicológicas importantes, como o Transtorno de Luto Prolongado (consequências negativas para a saúde psíquica e fisiológica)(DANZMANN et al, 2020) e o luto complicado, que consiste na intensificação e progressão do sofrimento de forma persistente e sem elaboração (CREPALDI et al, 2020).

O luto historicamente é um assunto evitado, o que também tem prevalecido na pandemia, possivelmente pelos sujeitos conviverem com inúmeras perdas diariamente, em casos por exemplo, em que há inúmeros óbitos repentinos na mesma família, notando-se certa dificuldade dos sujeitos sentirem as perdas quando comparado, por exemplo com a perdas decorridas de desastres, em que o impacto da morte é sentido de uma vez (DANZMANN et al, 2020).

Segundo Maria (2020, p 67) “vivemos uma outra relação com a morte, diferente da habitual...a habitual é a gente poder esquecer da morte para seguir a vida”, a finitude da vida assim como o porquê da vida, são questões por vezes inomináveis e, portanto, insuportáveis, que acabam representar um recalque cultural. No decorrer das mudanças históricas, vida e morte ganham novas construções, uma delas atravessadas pela frase “a vida é curta e passageira”, fazendo com que as pessoas se atentem mais ao que irão fazer com a vida do que com a morte, deixando esta última nas mãos de terceiros, como a medicina e as instituições (HOMEM, 2020).

O oposto disso também tem ocorrido, as pessoas podem se mostrar intensamente sensíveis não apenas a morte de pessoas próximas, mas também pelos demais óbitos e infecções (CREPALDI, et al., 2020). Face a isto, Maria (2020) descreve sobre uma certa ambiguidade em relação à morte, fato este evidenciado pela erótica e mercantilização da morte nas mídias, como pelo interesse voraz do público pela morte, às vezes por via de uma sublimação.

Nota-se também que o sofrimento da perda tem início com ou antes mesmo de que haja o adoecimento (CREPALDI, et al., 2020). Tal característica pode ser compreendida por uma ansiedade da morte (DANZMANN et al, 2020) ou luto antecipatório, em que o sujeito adoecido ou seu familiar vivenciam o sentimento e perspectiva de morte antes que esta se concretize (CREPALDI et al, 2020).

Outros fatores de riscos notados neste momento, são o as condições e o lugar do óbito: a quantidade de óbitos em uma única rede social-afetiva, a culpabilização dos sobreviventes referente a transmissão e infecção do vírus, e a não realização de despedidas e rituais fúnebres (CREPALDI et al, 2020).

As estratégias de contenção do vírus impactam os processos de luto e terminalidades. O Ministério da Saúde vetou a realização de visitas a pessoas hospitalizadas e realização de rituais fúnebres tradicionais, a fim de evitar aglomerações e contágios, havendo apenas a flexibilização no momento de sepultamento, com as prerrogativas de uma quantidade limitada de pessoas e o respeito às medidas de distanciamento físico (LIMAS et al, 2021).

Estas restrições também acabam por resultar em diferentes realidades de sofrimento, como quando há o imediato lacre do caixão e a impossibilidade dos familiares poderem olhar e se despedir de seu ente querido, como a realidade em que ocorre o óbito no próprio domicílio devido principalmente, a falta de acesso ao serviço de saúde (CREPALDI et al, 2020).

Os processos de terminalidades agora se caracterizam pelo afastamento físico do doente de sua rede sócio-afetiva, a depender do caso, as únicas informações deste só chegam aos familiares em determinado horário e repleto de burocracias (LIMAS et al, 2021).

Diante disso, utiliza-se de novas alternativas, como a mediação família-profissionais da saúde e o uso de ferramentas tecnológicas (CREPALDI et al, 2020). Em casos de internações, os doentes estando ou

não conscientes, é incentivado pelos profissionais a comunicação virtual, por meio de diversos recursos como, de textos, áudio, vídeo etc. (CREPALDI et al, 2020).

Os novos atravessamentos do luto, o impedimento das despedidas tradicionais reflete diretamente na assimilação da morte (LIMAS et al., 2021), que por sua vez “é carregada de valores sociais, culturais e morais, e os rituais nada mais são que uma forma de homenagem a pessoa falecida” (DANZMANN et al, 2020, pg. 03).

Tais rituais têm função organizadora, nas quais promovem um espaço em que os mais próximos do falecido possam agradecer, desculpar-se, recordar, elaborar e receber apoio de todos que estão presentes e partilham da mesma dor (CREPALDI, et al, 2020). A comunicação verbal e não verbal da família e da rede de apoio é importantíssima nestes processos (CREPALDI et al, 2020).

Sobre isto, Maria (2020) caracteriza o luto em duas dimensões, a primeira refere-se a dimensão íntima/privada e a segunda a dimensão pública, ambas se fazem importante ao passo que a sustentação deste atravessamento deve vir do próprio sujeito como também é importante que esse luto seja valorizado, reconhecido e acolhido pelos outros. A autora complementa seu pensamento comparando a hipótese: o bebê quando perde a mãe é acolhido por sua comunidade, fazendo frente a um reconhecimento simbólico.

Face a morte concretizada e as circunstâncias, as ferramentas digitais também se apresentam como estratégia, mesmo não substituindo os rituais tradicionais, auxiliam e diminuem os impactos do luto (CREPALDI et al, 2020). Dessa forma, são observados rituais de despedida e celebrações virtuais (cultos, missas e velórios), que promovem um espaço de elaboração e acalanto das redes de apoios (CREPALDI et al, 2020).

O luto nestas condições, é recebida com estranheza e pode acarretar num luto complicado, suscitando reações psicopatológicas devido ao esgotamento

emocional e físico (DANZMANN et al, 2020). Sobre isto, deve ser incentivado e mediado por profissionais da saúde, a vivência e elaboração deste processo, o apoio da rede social e se necessário o encaminhamento a intervenções mais específica que visem reduzir a dor da perda e a prevenção de transtornos psicopatológicos (DANZMANN et al, 2020).

No entanto, este apoio profissional, por vezes é desafiador, à medida que se apresenta uma lacuna na formação sobre a morte e luto, implicando na dificuldade dos profissionais lidarem e auxiliarem os outros nos processos de despedidas e do luto (DANZMANN et al, 2020).

### **Trabalho e Pandemia**

Para este tópico foram lidos os artigos: As dimensões da precarização do trabalho em face da pandemia de Covid 19; Trabalho, saúde e vulnerabilidade na pandemia de Covid- 19; A espacialidade aberta e relacionada do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia de covid 19.

O aumento do desemprego já era um problema no contexto nacional, desde a nova contrarreforma trabalhista de 2017 já se somavam 13 milhões de pessoas desempregadas, na pandemia este número foi reduzido a 10,9 milhões de desempregados (SOUZA, 2021). No entanto, deve-se considerar que após a contrarreforma, aumentaram-se os cargos ocupados em empregos informais em 15,4% (SOUZA, 2021).

Com a pandemia, aumenta-se os desalentados, em 2020, 25,7% da população estava nesta situação, nas quais 17,7% milhões teriam desistidos de procurar emprego devido a pandemia de Covid 19 (SOUZA, 2021).

O desemprego ganha diferentes delineamentos, com a ameaça de uma crise econômica, o governo federal implementou o Programa Emergencial de Manutenção de Emprego (Lei N. 14.020, de 2020), que previa um benefício com fins de preservação do

emprego, dentre as condições desta lei estavam: redução da carga de jornada de trabalho coerente a redução do salário em até 70%, além da suspensão dos contratos trabalhistas sem efetuação de pagamento por 4 meses (SOUZA, 2021).

Esta lei mais beneficiava os empresários, por isto os demais trabalhadores se organizaram e conseguiram que tal lei fosse revista, tendo como resposta a substituição pela Medida Provisória 936, que ampliou a renda do trabalhador formal pela compensação no valor do seguro-emprego (SOUZA, 2020). A MP 936, no entanto, não se mostrou efetiva, alcançando apenas 12 milhões de trabalhadores dos 24, 5 milhões que poderiam ser cobertos (SOUZA, 2021).

As relações de trabalho precárias poderiam ser mitigadas por meio da proteção trabalhista (SANTOS et al, 2020), no entanto a realidade mostra que a crescente precarização do trabalho se intensifica e acaba por expor os trabalhadores a inúmeras vulnerabilidades (SANTOS et al, 2020). A precarização do trabalho se intensifica com a pandemia, os sujeitos se encontram em condições diferentes de vulnerabilidade, sendo exposto a diversas adversidades para além da contaminação do vírus. (SOUZA, 2021).

O trabalho assume um ferramental especial no combate da pandemia (OLIVEIRA, 2020), alguns setores adotaram o home office como estratégia. Esse modelo teve em vista uma rápida reorganização diante de contexto, contudo nem todos os trabalhadores puderam se adaptar, tendo em vista que apenas 22% da população teve condições e estrutura para trabalhar nesta modalidade (SOUZA, 2021).

Inúmeros desafios são observados, como o aumento da jornada de trabalho, a falta de equipamento tecnológico, as oscilações de internet, o distanciamento das relações e dos colegas do trabalho (SOUZA, 2020). Muitos trabalhadores, como os professores, endividaram-se na tentativa de melhorar a qualidade da aula (OLIVEIRA, 2020).

Os contratantes e instituições majoritariamente, ofertaram apenas orientação e capacitação no que concerne à nova realidade, mas não o suporte quanto aos equipamentos e estrutura (SOUZA, 2021). A facilidade e desaceleração desta modalidade do trabalho não se sustentou, notou-se que mais beneficiou os interesses dos contratantes e empresas (OLIVEIRA, 2020).

Além de representarem a maioria dos desalentados, a mulher é quem mais possui desafios na conciliação entre o home office e a família (OLIVEIRA, 2020). Isto ocorre em ambos os casos, devido à função social do cuidado atribuído ao feminino, em que as mulheres deixaram de trabalhar para cuidar do lar enquanto outras que permaneceram trabalhando, passam a acumular funções (OLIVEIRA, 2020).

O home office é composto de empregados formais e que possuem alguma proteção trabalhista (OLIVEIRA, 2020). Trabalhadores informais, de serviços essenciais, ou aqueles que já se encontraram em condições precárias de trabalho, foram impedidos de adotar o distanciamento (OLIVEIRA, 2020).

As desigualdades estruturais da sociedade foram mais intensificadas por meio da precarização do trabalho (SANTOS et al, 2020). Ocupando as funções básicas e essenciais, estão principalmente as mulheres negras e com renda baixa, que sofreram com demissões e com a constante exposição ao vírus (OLIVEIRA, 2020).

Muitos trabalhadores se submeteram ao trabalho com aplicativos, como os entregadores e motoristas. Este tipo de serviço, denominado como uberização, tem representado a mais alta exploração do trabalho na atualidade, e tem crescido com a pandemia (SOUZA, 2021). Por estarem em condições de precarização de trabalho, estas pessoas estão imersas em longas jornadas de trabalho, sem direitos trabalhistas e expostos ao Covid-19 (SOUZA, 2021). Já não recebiam suporte para manutenção dos veículos, agora em pandemia, não recebem suporte do que seria mais básico e urgente, os EPIs, sobre

isto, as empresas também se limitaram a orientações e normas sanitárias a serem seguidas (SOUZA, 2021).

Outro grupo que sofre com a precarização, é o dos profissionais da área da saúde. O contexto da saúde foi demarcado pelo colapso do sistema de Saúde, que acaba por expor trabalhadores a alta contaminação de Covid-19 (risco de se contaminar e contaminar outros), maximizada pela ausência de EPIs, insumos hospitalares e pelo aumento da jornada de trabalho (SOUZA, 2021). Além disto, soma-se ao distanciamento destes profissionais de sua rede de apoio e aos diversos sintomas físicos e psíquicos que acabam por causar intenso sofrimento (SOUZA, 2021).

Tendo em vista o alto risco de contaminação, estes trabalhadores são treinados a priorizarem as medidas preventivas de segurança, como o isolamento de pessoas tão logo identificadas com sintomas de Covid-19, no entanto, as condições precárias são tantas que o Brasil marca o maior número de óbitos de enfermeiros em decorrência da Covid-19 (SOUZA, 2021).

A política trabalhista e cenário nacional pandêmico retrata ao final, as elevadas desigualdades e efeitos delas, como a elevada miséria e pobreza:

[...] populações de baixa renda, distribuídas de forma heterogênea pelas regiões do país, apresentam maior exposição ao novo coronavírus devido aos alongamentos urbanos, restrição ao saneamento básico, dependência de transporte público e nível de acesso aos serviços de saúde” (SANTOS et al, 2020, p 8).

Em meio a este desamparo institucional, os artigos demonstram que a população tem reagido coletivamente em reivindicação de seus direitos e proteção social. Neste sentido, a dor tem sido não só uma experiência coletiva, mas algo que para além da consciência, tem impulsionado os sujeitos a transformarem sua realidade

(SOUZA, et al., 2020), (VERZTMAN; DIAS, 2020).

A manifestação dos entregadores de aplicativos de delivery em julho de 2020, por direitos de proteção e segurança face a pandemia, representa um salto, mesmo que preliminar, na construção da autonomia e da identidade (SOUZA, 2021). Em uma sociedade que o trabalho é central na vida do sujeito, sua precarização dificulta a identificação de si e do próprio trabalho e consequentemente na saída destas condições (SOUZA, 2021),

A construção de representações e sindicatos neste sentido tem aumentado com a pandemia, em que seus participantes utilizam principalmente as redes sociais para chamamento e mobilização da classe (SOUZA, 2021).

Profissionais da saúde, com entidades representacionais mais fortalecidas também tem se mostrado ativos na luta por melhores condições de trabalho, (SOUZA,2021), além da própria sociedade civil, que tem se mobilizado coletivamente como uma frente de resistência diante dos problemas sociais, como por exemplo a campanha “Segura a curva das mães”, que visa mapear e oferecer apoio emergencial a mulheres-mãe que estão em situação de vulnerabilidade (OLIVEIRA, 2020).

A precarização do trabalho possui dimensões próprias como, a fragilização de vínculos de trabalho, a desvalorização, o não reconhecimento, a redução de direitos e consequentemente a precarização da saúde (SOUZA, 2021).

## 5. Considerações Finais

O presente artigo se propôs a investigar a influência da pandemia sob as importantes relações sociais. Para facilitar a investigação, quatro tópicos foram

construídos, no entanto, notou-se as relações como extremamente complexas e interativas entre elas mesmas. De fato, cada tipo de relação apresentada possui certas peculiaridades, mas na realidade, sabe-se que todas estas são vividas paralelamente e dificilmente podem ser dissecadas e isoladas.

O panorama construído a partir dos achados, sem dúvida tem o sofrimento psíquico como principal repercussão psicológica, corroborando a ideia da fragilização dos laços, ao desamparo emocional e institucional. A violência é ascendente, sobretudo aquela direcionada aos de maior vulnerabilidade social, em que o risco da morte por Covid-19 é menos assustador que o contexto social em que vivem.

Dessa forma, os diferentes efeitos da pandemia nas relações sociais se revelam de acordo com os diferentes recortes sociais e vivências subjetivas, é notado frequentemente nos artigos, que as mudanças oriundas da pandemia e as incertezas acentuaram os conflitos relacionais, especialmente domésticos - explicados por inúmeros fatores, sendo eles, o desemprego, a precarização do trabalho, a saúde mental, as construções sociais de gêneros, e os próprios conflitos do eu. Em linhas gerais, os efeitos podem ser compreendidos a partir de aspectos subjetivos e das relações de dominância.

Partindo do sujeito, os conflitos/aspectos da própria subjetividade que estariam latentes ou encobertos pela rotina se revelam nas relações à medida que o eu é obrigado a encarar de frente seus conteúdos e o outro, seja da convivência ou da ausência. Este eu tem seus conflitos expressados a partir de inúmeros sintomas.

Estas revelações tais qual descreve Maria Homem, apesar de serem carregadas por muito afeto e principalmente sofrimento,

se mostram como oportunidades para que os sujeitos repensem quais direcionamentos suas vidas estão seguindo e se impliquem com seus desejos. Além disto, a pandemia não somente escancara, mas convida as reflexões críticas acerca dessa tal conjuntura que vivemos e suas implicações sobre o coletivo e o subjetivo.

Os conflitos relacionais, contudo, também são analisados a partir de construções sociais, históricas e culturais. As relações de dominância são notadas em todos os artigos, que acentuadas na pandemia, os sujeitos se veem atravessados intensamente por marcadores de gênero, raça, cor e classe. A exploração de trabalho, a violência e a iminente morte são acentuadas àqueles de maior vulnerabilidade, que por vezes sem suporte institucional e apoio social, perdem seus direitos e a chance de sobrevivência.

Neste seguimento, nota-se algumas iniciativas importantes frente a violência contra mulher, principalmente por parte de empresas e da sociedade civil, corroborando ao fato dos vínculos como ferramentas de apoio e resistência. Nota-se que a ação coletiva tem ganhado mais força nesta pandemia e que os frutos correspondem ao fortalecimento dos laços e garantia de direitos. Para além da tomada da consciência, os vínculos entre os trabalhadores, comunidade e sociedade em geral se mostraram potentes à medida que os sujeitos ganharam força e oportunidade de realizarem transformações sobre a sociedade hostil que se apresentava.

No entanto, é importante ressaltar a lenta mobilização por parte das esferas públicas. As relações analisadas por fim, também representam a forma como as entidades públicas têm ou não se posicionado.

**Agradecimentos e formas de Financiamento**

Agradecemos ao Centro Universitário São Lucas de Porto Velho onde foi desenvolvida a pesquisa de trabalho de conclusão de curso e aprimorada posteriormente. O presente trabalho não contou com financiamento de qualquer natureza.

## 6. Declaração de conflito de interesse

Nada a declarar.

## 7. Referências

ÁVILA, Antônio Lazslo. Saúde Mental: uma questão de vínculos. Revista da SPAGESP, São Paulo, v. 4, n.4, p. 01-21, 2003.

BAUMAN, Zygmund Bauman. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BIRMAN, Joel. O trauma na pandemia do coronavírus: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

BORGES, Ana Flávia Silva; CARVALHO, Jô de Carvalho. Lei Maria da Penha e os impactos da violência doméstica em tempos de pandemia. Revista Eletrônica de Ciências Jurídicas, Itapatinga, v. 1, n. 2, p. 21-42, 2021.

CAVALCANTI, Cristina Aparecida Tannure; POLI, Maria Cristina. O laço social e o mal-estar face ao desamparo. INTERthesis, v. 12, n. 2, p. 12-32, 2015.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Laço social: uma ilusão frente ao desamparo. Reverso, Belo Horizonte, v. 31, n. 58, p. 33-41, set. 2009.

COSTA, Pedro Henrique Lucas; PARAVIDINI, João Luiz Leitão; PRÓCHNO, Caio César Souza Camargo;

NEVES, Amanda Silva. Do estado à micropolítica: laço social e modalidades de (r)existência. Psicologia e Sociedade, vol 28, n 01, p. 01-25, 2016.

CREPALDI, Maria Aparecida; SCHMIDT, Beatriz; NOAL, Débora da Silva; BOLZE, Simone Dill Azeredo; GABARRA, Letícia Macedo. Terminalidade, morte e luto na pandemia de covid-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. Estudos Psicológicos, Campinas, v. 37, n. 01, p. 34-54 2020.

DANZMANN, Pâmela Shultz; SILVA, Ana Claudia da Silva; GUAZINA, Félix, Miguel Nascimento. Implicações da morte e luto na saúde mental de sujeito frente à pandemia. Revista Multidisciplinar e de Psicologia, v. 15, n. 55, p. 15-23, 2021.

HIGUERA, Hector Cavieres; MESSIAS, João Carlos; BALDAN, Laura. Imagens estereotípicas de família e casal no contexto da pandemia da Covid-19. Revista Psicologia e Saúde, Campo Grande, v. 13, n. 2, p. 181-195, 2021.

HERZOG, Regina. O laço social na contemporaneidade. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, Vol 7, n. 3, p. 01-22, 2004.

HOMEM, Maria. Lupa da alma: quarentena-revelação. São Paulo: Todavia, 2020.

LEMOS, Ana Heloísa da Costa; BARBOSA, Alane de Oliveira; MONZATO, Priscila Pinheiro. Mulheres em home office durante a pandemia da covid-19 e as configurações conflito trabalho-família. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 60, n. 6, 2020.

- LIMA, Thaina Jacome Andrade de; LIMA, Maria Valéria Chaves de; FERREIRA, Lauana Cristina Chaves; SALES, Letcy Gabrielly; OLIVEIRA, Kalyane Kelly Duarte. Expressões de luto no início da pandemia de covid-19 veiculadas em jornais do Brasil. *REFFACS*, v.9, p 746- 754, 2021.
- MOGRABI, Daniel. O laço social na teoria freudiana: para além da nostalgia e da esperança. Curitiba: Juruá, 2009.
- MAGALHÃES, Aracê Maria Magenta. A pandemia exacerbou os relacionamentos ou a solidão. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, São Paulo, v. 40, n. 99, p. 192-204, 2020.
- OLIVEIRA, Anita Loureiro de. A espacialidade aberta relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia de covid- 19. *Revista Tamoios*, São Gonçalo, v. 16, n.1, 2020.
- ORNELL, Felipe; HALPERN, Silvia C.; DALBOSCO, Carla; SORDI, Anne Orgler; SOTCK, Bárbara Sordi; KESSLER, Felix; TELLES, Lisieux Borba. Violência doméstica e consumo de drogas durante a pandemia da COVID-19. *Pensando famílias*, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 3-11, 2020 .
- QUINET, Antônio. Os outros em Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- ROUZEL, Joseph. Não há senão isto: o laço social. *Reverso*, Belo Horizonte v. 41, n. 78, p. 15-26, dez. 2019
- SANTOS. Kionna Oliveira Bernardes; FERNANDES, Rita de Cássia Pereira; ALMEIDA, Milena Maria Cordeiro; MIRANDA, Samilly Silva; MISE, Yukari Figueroa; LIMA, Monica Angelim. Trabalho, saúde e vulnerabilidade na pandemia de covid-19. *Cadernos de Saúde Pública*, Salvador, v. 36, n. 12, 2020.
- SANTOS, Sérgio Alves; SANTOS, Victor Eduardo Nascimento dos; THOMAZ, Giovani Rafael Machado; ALVES, Emilly Saas. A relação entre a Saúde Mental e os laços conjugais em tempos de pandemia. *Mosaico: Estudos Em Psicologia*, Belo Horizonte, Brasil, v. 8, n. 1, p. 4–12, 2021.
- SILVA, Isabela Machado da, SCHMIDT, Beatriz; LORDELLO, Silvia Renata; NOAL, Débora, da Silva; CREPALDI, Maria Aparecida; WAGNER, Adriana. As relações familiares diante da COVID-19: recursos, riscos e implicações para a prática da terapia de casal e família. *Pensando famílias*, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 12-28, 2020.
- SILVA, Jeane Feliz da; JUNIOR, Alcidesio Oliveira da Silva; COUTO, Edvaldo Souza. Amor, sexo e distância física. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 58, n. 58, 16 out. 2020.
- SOUZA, Diego de Oliveira. As dimensões da precarização do trabalho face da pandemia de covid-19. *Trabalho, Educação e Saúde*, Maceió, v. 19, 2021.
- VERZTMAN, Julio; DIAS, Daniela Romão. Catástrofe, luto e esperança: o trabalho psicanalítico na pandemia de covid-19. *Revista Latinoamericana de Psicopatologias Fundamentais*, São Paulo, v. 23, n. 2, p 269 - 290. 2020.